

Sumário

Artigos e Comentários

9 Depois de Chávez Demétrio Magnoli

O projeto de um “chavismo sem Chávez” está fadado ao fracasso. A transição política na Venezuela dificilmente seguirá uma trajetória institucional. Fora da Venezuela, o colapso do chavismo terá impactos profundos sobre Cuba e, de modo geral, sobre a esquerda latino-americana. Ao mesmo tempo, tende a provocar uma revisão dos fundamentos nos quais se assenta a política brasileira para a América Latina. O resultado das eleições presidenciais na Venezuela evidenciou as imensas dificuldades da transição chavista. O espaço político regional no qual se desenvolveu a “revolução bolivariana” e em que, hoje, evolui a crise do chavismo está marcado pela retração da diplomacia dos Estados Unidos. Na nova etapa da crise do chavismo, a diplomacia brasileira estará confrontada com desafios perturbadores. Documentos internos que circulam na cúpula chavista mencionam o espectro de “agitações populares” em decorrência da venenosa combinação de desabastecimento e inflação. Cuba encontra-se no olho do furacão da crise do chavismo.

17 A crise política venezuelana e seu complicado contexto nacional Margarita López Maya

A autora reúne um conjunto de informações relevantes para entender a magnitude da “desordem de que padece a sociedade venezuelana”, atualmente. Também apresenta dados que ajudam a entender a crise política em pleno desenvolvimento. Esta se iniciou em 14 de abril e se insere em um processo de desajustes políticos mais amplos, caracterizado pelo dismantelamento, no segundo governo do presidente Chávez (2007-2013), das instituições da democracia liberal baseadas na Constituição da República Bolivariana da Venezuela, de 1999, a favor de um Estado de democracia direta, vertical e autoritário. Esta destruição foi facilitada por uma forma de fazer política e um estilo de gestão caracterizados pelo que os sociólogos definem como *populismo*. A democracia liberal representativa está agonizando entre o autoritarismo militarista, que em nome de Chávez está se concretizando, e a anarquia, produto da destruição institucional defendida por ele para transformar a ordem política em um Estado Comunal que hoje, com toda certeza, ninguém sabe muito bem como

- 29 Os limites de um legado:
o desafio e os desdobramentos
da eleição pós-Chávez**
Jennifer McCoy e Michael McCarthy

concretizar. As tendências mais fortes parecem dirigir-se a um endurecimento do chavismo.

Em 14 de abril de 2013, os venezuelanos foram às urnas escolher um sucessor para terminar o mandato de seis anos que Hugo Chávez deixou vago com sua morte por câncer, ocorrida em cinco de março. O apertadíssimo resultado – a vitória do presidente interino Nicolás Maduro sobre o candidato de oposição, governador Henrique Capriles, por uma pequena margem de 1,5%, surpreendeu tanto o governo como a oposição. Nenhum dos dois candidatos lidou com os surpreendentes resultados eleitorais com vistas ao futuro. Ambos passaram mensagens incoerentes, tanto a seus seguidores quanto a seus adversários. Além disso, a falta de transparência do Conselho Nacional Eleitoral (CNE) pôs em perigo a confiança nas instituições. No longo prazo, para que a legitimidade das eleições saia fortalecida, acordos terão que ser firmados quanto a elementos importantes do processo, entre eles: auditoria das listas de eleitores, adoção de regras mais rigorosas que garantam a equidade das campanhas, substituição de acordos *ad hoc* por um conjunto de normas formais regendo a realização de auditorias do sistema eleitoral antes e após as eleições.

- 37 A volta do Partido Colorado
ao governo no Paraguai**
Gustavo Codas

O empresário Horacio Cartes, candidato do Partido Colorado, venceu com grande vantagem as eleições para presidente do Paraguai, em 21 de abril deste ano. O Partido Colorado volta ao poder depois de um intervalo de cinco anos que interrompeu seis décadas de hegemonia. O artigo faz uma análise dos resultados eleitorais, de como ficaram as forças políticas e a provável configuração do projeto que Cartes liderará no mandato que se inicia em 15 de agosto de 2013. Cartes chega ao poder em um país onde algumas transformações foram feitas na gestão de Lugo. No social, introduziu a experiência de uma saúde gratuita e universal e ampliou substancialmente a política de transferências financeiras condicionadas (uma versão do “Bolsa Família” brasileiro). No âmbito econômico, Lugo viabilizou a construção, com fundos adicionais voluntários do Brasil ao FOCEM (Fundo para a Convergência Estrutural do Mercosul), de uma linha de 500 kV entre a hidrelétrica e Villa Hayes, na periferia de Assunção. O enfoque principal de Cartes é que os problemas sociais do país serão solucionados com o avanço dos negócios empresariais que deem emprego e salário para a população necessitada.

- 45 A América Latina que queremos**
Ricardo Lagos

Este é um momento histórico de mudança na região. O autor defende que “devemos ser capazes de liderar estas mudanças por meio de políticas nacionais baseadas em princípios de uma maior inclusão social, liberdade e atenção ao meio ambiente e, ao mesmo tempo, criar estratégias regionais de governabilidade internacional que permitam enfrentar os desafios da globalização”. Neste sentido, é indispensável discutir políticas em matéria tributária, de competitividade, de educação, entre outras. Este conjunto de políticas, que constitui uma estratégia de

desenvolvimento, não é neutro; implica uma opção ética e política. Agora, quando muitos países da região se aproximam dos US\$ 20 mil de renda média por habitante, a relação entre esta e uma melhora dos indicadores se diluiu, tornou-se insuficiente. Agora, é a distribuição de renda a variável que explica uma melhor ou pior satisfação dos cidadãos. Essa é a maneira pela qual se mede o bem-estar em nossa sociedade. Assim, a América Latina tem um longo caminho a percorrer.

Comentário

57 Ricardo Lagos na Cátedra José Bonifácio da USP

Pedro Bohomoletz de Abreu Dallari

Em março deste ano, o ex-presidente do Chile, Ricardo Lagos, esteve na Universidade de São Paulo (USP) para proferir uma série de conferências e desenvolver outras atividades acadêmicas. Para além da mera visita de uma personalidade estrangeira, o que é da rotina das instituições universitárias de maior relevância, a presença de Ricardo Lagos ensejou a materialização de iniciativa inovadora para a USP e mesmo para a universidade brasileira. Isto porque, vem cabendo a ele coordenar ao longo de 2013, na condição de seu primeiro titular, as atividades da recém-criada Cátedra José Bonifácio, destinada a propiciar a pesquisadores científicos, de forma mais intensa e prolongada, a possibilidade de aproveitamento da experiência de lideranças políticas, sociais e culturais. Introduz-se, assim, no Brasil, prática que, em outros países, já vem sendo adotada em importantes instituições de ensino e pesquisa. O tema geral escolhido por Ricardo Lagos para nortear as atividades da Cátedra em 2013 foi *A América Latina no mundo: desenvolvimento regional e governança internacional*.

61 Facilitação Comercial no Brasil: avanços e desafios

Paulo Costacurta de Sá Porto
Welber Barral
Marília D'Orazio de Matos
Rodrigo Cardoso Silva

O artigo apresenta os principais avanços realizados pelo governo federal com a adoção das medidas de facilitação comercial e também os principais desafios relacionados à implementação de tais medidas no país. A Facilitação Comercial é um dos principais temas da Rodada Doha de negociações multilaterais da Organização Mundial do Comércio (OMC). Tem o objetivo de alcançar a simplificação, harmonização, padronização e modernização dos procedimentos do comércio internacional. Para responder aos desafios da implantação da simplificação do comércio exterior no país, o governo brasileiro estabeleceu prioridade ao tema e criou, em março de 2008, o Grupo Técnico de Facilitação do Comércio (GTFAC) ligado à Câmara de Comércio Exterior (Camex) do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio (MDIC). Ainda são vários os desafios que permanecem com relação à adoção das medidas de facilitação comercial no país, principalmente no tocante às medidas de gerenciamento de risco; criação de um Operador Econômico Autorizado; tempo de liberação de carga nos portos e aeroportos do país; na questão das taxas e formalidades; e na reforma do sistema de Janela Única no país.

81 A posição da esquerda brasileira frente à guerra civil na Síria

Fábio Koifman

O que se sabe da oposição síria? As informações a esse respeito têm como base o que se noticia especialmente a partir da Turquia e o que é divulgado pelas chamadas redes sociais da internet. Alguns partidos e grupos políticos

brasileiros que se consideram de inspiração e tradição marxista têm apoiado incondicionalmente o regime Assad, a despeito de seu histórico de autoritarismo, violência e opressão. O PT foi o mais significativo partido de esquerda brasileiro que estabeleceu o contato mais estreito no período imediatamente anterior aos atuais massacres perpetrados pelo governo alauíta, entre 2007 e 2010. Então, o que levou o PT a estabelecer em 2007 um “Acordo de Cooperação” com o Partido Baath sírio? Fica a impressão de que o elo comum e o foco de muitos dos grupos identificados com o marxismo deixou de ser o povo, o sofrimento das massas, “a revolução”, mas, sim, a oposição à política externa norte-americana. Segundo o autor, não são norte-americanos, ocidentais e mídias mais ou menos controladas e servindo a interesses que devem ser retoricamente usados e prioritariamente combatidos quando a brutalidade de um regime é amplamente registrada e denunciada pela ONU. Mas os esforços, sim, devem ser convertidos prioritariamente e com urgência em prol dos que sofrem, são presos, torturados e assassinados.

91 Gafes de Estado

Marcos de Azambuja

A comunidade dos que cometem gafes certamente inclui todos nós. Mas existem *gaffeurs* emblemáticos, e três nomes me parece que devam ocupar as posições mais altas deste pódio: George W. Bush, o duque de Edimburgo e o nosso ex-presidente João Baptista de Figueiredo. Dos três, apenas o marido da rainha da Inglaterra continua em cena e já nos brindou com sessenta anos de gestos inadequados, palavras inoportunas e um desastrado sentido de humor. A escolha desses trapalhões não foi fácil e estive tentado a incluir também na lista dois pitorescos líderes da então União Soviética: Nikita Krushev – que teve o gesto até hoje não superado de tirar os sapatos no plenário na Assembleia Geral das Nações Unidas, em Nova York, e depois batucar com eles sobre a mesa para protestar a não aceitação de projeto que, se adotado, retiraria do secretário-geral da ONU toda a capacidade de atuar em favor da paz e da segurança internacionais – e Boris Yeltsin, protagonista de vários episódios em que a vodca, e não Marx ou Lênin, inspirou o chefe da então outra superpotência nuclear. O Oscar da categoria, entretanto, deve ficar, muito merecidamente, com o duque de Edimburgo.

97 Obama 2.0

Carlos Eduardo Lins da Silva

Obama iniciou seu segundo mandato de forma muito mais assertiva do que havia começado o primeiro e, apesar de ainda estar em minoria na Câmara e estar enfrentando problemas com o escândalo de espionagem de cidadãos comuns americanos e estrangeiros, tem todas as condições de se manter popular. Se a atividade econômica mantiver o pique atual, nada no horizonte, exceto alguma crise em política externa imprevisível até agora ou um escândalo de ordem moral, improvável no caso de Obama, que parece ter absoluto autocontrole em todas as áreas poderá impedi-lo de concluir seu governo com ampla aprovação pública e em boas condições de fazer o sucessor, provavelmente, pelo que se pode observar neste ponto, a ex-secretária de Estado Hillary Clinton.

107 Loyola no trono de Pedro

Roberto Romano da Silva

A eleição do cardeal jesuíta Bergoglio suscita muitas análises focadas no seu futuro na Santa Sé. A Companhia de Jesus contribuiu poderosamente para estabelecer as bases da razão entre a Igreja e o Estado. Este artigo discute o assunto e fornece as chaves para interpretações institucionais e políticas que permitam compreender o nexo entre jesuítas, a Igreja e o Estado, como são conhecidos hoje. Qual a significação de um papa jesuíta? Na ordem jesuíta, um indivíduo resume séculos de prática e teoria. As virtudes bélicas eles uniram as intelectuais, a prudência política, a visão sinótica do planeta. Hoje, os Estados nacionais enfrentam crises inéditas, a *raison d'État* opera com frangalhos de lógica econômica e bélica. No plano internacional renasce o espectro de Hobbes e a força bruta desafia os direitos humanos em proveito de regimes duros. Na Igreja, após as esperanças de um novo conciliarismo suscitadas pelo Vaticano 2, veio o poder absoluto de João Paulo II e Bento XVI. O Colégio Cardinalício retoma o impulso missionário ao escolher um jesuíta experiente nos embates entre sociedades, Igreja e Estado.

**117 A roupa nova do rei da Coreia
Bons negócios se fazem onde
está o dinheiro – alvo, China;
via EUA**

Paulo Cesar Sandler

O artigo, escrito por um psicanalista, busca entender, por meio de investigação transdisciplinar conhecida como “psicologia política”, o comportamento, “aparentemente errático”, de Kim Jong-un, jovem líder político da Coreia do Norte. Seja lá qual for o diagnóstico inspirado ou plagiado da psiquiatria, o jovem ditador estaria manifestando “delírios de grandeza”. “Retardado, doido”, “parece um novo Hitler, agora atômico”, foram epítetos aplicados a esta pessoa que ninguém conhecia. Em março, Kim Jong-un declarou explicitamente a intenção governamental de destruir com armas nucleares as principais cidades dos Estados Unidos e também suas bases militares no Pacífico — Havaí e Guam. Declarou um “estado de guerra” contra seu vizinho, a Coreia do Sul. O leitor não encontrará conclusões diagnósticas a respeito da pessoa chamada de Kim Jong-un. O texto, explica o autor, é um *exercício de raciocínio psiquiátrico e psicanalítico, dentro do âmbito disciplinar da “psicologia política”*.

Passagens

143 Margaret Thatcher (1925-2013)nunca deu prioridade à
América Latina

Paulo Tarso Flecha de Lima

**147 Giulio Andreotti (1919-2013),
infinitas gradações de cinza**

Rubens Ricupero

**153 Kenneth Waltz (1924-2013),
teórico das Relações
Internacionais**

Jane S. Jaquette

- 159 Ruy Mesquita (1925-2013),
editor exigente e bem informado**
Paulo Sotero

O mundo na ficção

- 163 *The Orphan Master's Son* (romance)**
Prêmio Pulitzer 2013 para ficção
Adam Johnson
***Assalto à Casa Branca*
(*Olympus Has Fallen*) (filme)**
Direção de *Antoine Fuqua*, EUA, 2013
Helga Hoffmann

Livros

- 169 Fractured Times – Culture and
Society in the Twentieth Century**
Eric Hobsbawm
Boris Fausto
- 174 Uma trilogia de Julio María
Sanguinetti**
Danubio Torres Fierro
- 178 Série Perfis Brasileiros:
José Bonifácio**
Miriam Dolhnikoff
João Alfredo dos Anjos Jr.
- 183 *Pax Indica***
Shashi Tharoor
Oliver Stuenkel

Documentos

- 189 Brasil e América Latina:
que liderança é possível?**
Fernando Henrique Cardoso
- 193 O Brasil na América do Sul**
Celso Lafer

Carta dos editores

Dois países da América do Sul, Venezuela e Paraguai, realizaram eleições presidenciais este ano, em momentos particularmente críticos de sua história, após o fim de governos de dois líderes polêmicos e ideologicamente alinhados: Hugo Chávez e Fernando Lugo, aquele por morte, este por ter sofrido controverso processo de *impeachment*. Agora, com novos presidentes, Nicolás Maduro e Horacio Cartes, as duas nações vizinhas se organizam para o futuro, e esta Revista analisa quais são essas perspectivas.

Três artigos tratam da Venezuela: o do brasileiro Demétrio Magnoli, o da venezuelana Margarita López Maya e o dos americanos Jennifer McCoy e Michael McCarthy. No caso do Paraguai, o estudo do que está adiante para o país é feito pelo jornalista e mestre em relações internacionais paraguaio Gustavo Codas.

O futuro da América Latina como um todo é o tema do texto seguinte, de autoria do ex-presidente do Chile, Ricardo Lagos, que passou uma temporada na Universidade de São Paulo, para uma série de palestras e atividades com estudantes e professores dessa instituição, dentro de um novo programa, chamado Cátedra José Bonifácio, que é explicado em comentário que se segue ao artigo de Lagos, preparado pelo vice-diretor do Instituto de Relações Internacionais da USP, Pedro Bohomoletz de Abreu Dallari.

Questões referentes à política comercial do Brasil são tratadas por quatro especialistas, Paulo Costacurta de Sá Porto, Welber Barral, Marília D'Orazio de Matos e Rodrigo Cardoso Silva; já Fábio Koifman se dedica à posição da esquerda brasileira frente à guerra civil na Síria, em dois textos que trazem a esta edição assuntos sobre a política externa de nosso país.

O experiente diplomata Marcos de Azambuja relata diversos casos de gafes cometidas em situações de Estado, num artigo mais leve sobre a atividade da diplomacia.

O segundo mandato de Barack Obama na Presidência dos EUA é o assunto do editor desta revista, Carlos Eduardo Lins da Silva. E o que se pode esperar do papado de Francisco é o que expõe o filósofo Roberto Romano em sua colaboração para este número.

A Coreia do Norte, que assustou o mundo com suas ameaças de ataques nucleares no início do ano, é abordada em dois textos nesta edição. No primeiro, o psiquiatra Paulo Cesar Sandler tenta, com todos os cuidados, fazer uma análise à distância da mente de seu jovem líder Kim Jong-un e especula o que se pode esperar dele. No outro, na seção “O Mundo na Ficção”, a economista Helga Hoffmann faz a crítica de um livro e um filme que têm o país como personagem principal e faz considerações sobre o que se pode aprender a respeito da nação a partir dessas obras ficcionais.

Quatro personagens importantes dos temas de relações internacionais morreram recentemente e são objeto de artigos na seção “Passagens” desta edição. A premiê britânica Margaret Thatcher é objeto da análise do diplomata brasileiro Paulo Tarso Flecha de Lima, que foi embaixador do Brasil em Londres. O premiê italiano Giulio Andreotti tem sua vida observada pelo diplomata brasileiro Rubens Ricupero. O teórico de relações internacionais Kenneth Waltz é homenageado por sua ex-aluna, a intelectual americana Jane S. Jaquette. E o jornalista Ruy Mesquita tem seu trabalho estudado pelo também

jornalista Paulo Sotero, que trabalhou com Mesquita muitos anos como correspondente de O Estado de S. Paulo em Washington.

Nas resenhas deste número, o historiador Boris Fausto faz sua leitura do último livro de Eric Hobsbawm, o crítico uruguaio Danubio Torres Fierro analisa uma trilogia do ex-presidente de seu país Julio María Sanguinetti, o diplomata brasileiro João Alfredo dos Anjos Jr. avalia a biografia de José Bonifácio escrita por Miriam Dolhnikoff e o especialista em relações internacionais Oliver Stuenkel resenha Pax Indica, de Shashi Tharoor.

Finalmente na seção “Documentos”, a transcrição de fala do ex-presidente brasileiro Fernando Henrique Cardoso e da intervenção do seu ministro de Relações Exteriores Celso Lafer feitas em seminário sobre o papel do Brasil na América Latina realizado no Instituto Fernando Henrique Cardoso, em São Paulo.

Os editores